

INSTANCIÇÕES DO ESQUEMA VOLITIVO [(EU) QUERO LÁ V_{INF}] NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

INSTANCES OF THE VOLITIONAL SCHEMA [(EU) QUERO LÁ V_{INF}] IN CONTEMPORARY PORTUGUESE

Mariangela Rios de Oliveira¹

Bruna Ribeiro Lemos²

RESUMO: Neste artigo, elegemos como objeto de pesquisa o esquema volitivo [(eu) quero [lá V_{inf}]] e sua instanciamento no português contemporâneo, tal como se apresenta em Lemos (2022). Fundamentadas no Funcionalismo, a partir de Traugott e Trousdale (2013), Hilpert (2014) e Bybee (2010; 2015), entre outros, levantamos e analisamos instâncias do esquema referido no banco de dados *Corpus do Português* e verificamos que esse esquema se divide em dois subesquemas: um de polaridade positiva, codificado como [[(eu) quero] [lá V_{inf}]], e outro de polaridade negativa - [[(eu) quero lá] [V_{inf}]]. Com base em análise quali-quantitativa, conforme Cunha Lacerda (2016), constatamos que tais subesquemas apresentam outras distinções, além da polaridade, como nível de composicionalidade, de produtividade e de intersubjetividade.

PALAVRAS-CHAVE: Construção volitiva. Polaridade positiva e negativa. Contextos de uso. Morfossintaxe. Mudança linguística.

ABSTRACT: In this article, we chose as an object of research the volitional scheme [(eu) quero [lá V_{inf}]] and its instantiation in contemporary Portuguese, as presented in Lemos (2022). Based on Functionalism, from Traugott and Trousdale (2013), Hilpert (2014) and Bybee (2010; 2015), among others, we raised and analyzed instantiations of the referred schema in the *Corpus do Português* database and verified that this schema is divided into two sub-schemas: one of positive polarity, encoded as [[(eu) quero] [lá V_{inf}]], and another of negative polarity - [[(eu) quero lá] [V_{inf}]]. Based on qualitative and quantitative analysis, according to Cunha Lacerda (2016), we found that such sub-schemes present other distinctions, in addition to polarity, such as level of compositionality, productivity and intersubjectivity.

KEY-WORDS: Volitional construction. Positive and negative polarity. Usage contexts. Morphosyntax. Linguistic change.

¹ Professora titular de Língua Portuguesa da UFF; pesquisadora 1B do CNPq e Cientista do Nosso Estado pela Faperj. Líder do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* – UFF; e-mail: mariangelariosdeoliveira@gmail.com.

² Mestre em Estudos de Linguagem pela UFF; membro do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* – UFF; e-mail: lemos.br@gmail.com.

Introdução

Com base no aparato teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), nos termos de Traugott e Trousdale (2013) e Hilpert (2014), entre outros, analisamos neste artigo o esquema volitivo [(eu) quero lá V_{inf}] a partir de sua instanciação no português contemporâneo. De acordo com a perspectiva construcional assumida pela LFCU (GOLDBERG, 1995; 2006; CROFT, 2001), esse esquema é concebido como uma *construção*, definida esta como pareamento convencionalizado de forma e conteúdo³, codificada como [[Forma] <---> [Conteúdo]], de acordo com Traugott e Trousdale (2013, p. 8).

Consideramos, como Lemos (2022), que o esquema [(eu) quero lá V_{inf}] veicula conteúdo geral volitivo, orientado, nos termos de Dubois *et al* (1973, p. 615), para a expressão da “vontade do sujeito da enunciação”, principalmente por conta de sua subparte nuclear verbal *quero*. Assumimos que esse esquema se distribui em dois eixos de polaridade, correspondentes a dois subesquemas, ou subgrupos, a depender do tipo de polaridade veiculada, ou seja, do sistema de contraste positivo/negativo expresso na língua⁴. Defendemos também que cada subesquema apresenta nível de intersubjetividade distinta, com base em Tantucci (2018); para o autor, a intersubjetividade pode ser imediata, quando tem foco específico, voltado para um interlocutor individualizado, ou pode ser estendida, quando a inferência se dirige mais genericamente a uma terceira pessoa, tornando o foco do que se declara mais amplo, voltado para a comunidade linguística.

Trabalhamos com dados extraídos do site *Corpus do Português*⁵ - categoria *Web/Dialetos* – do Brasil (PB), Portugal (PE), Angola (PA) e Moçambique (PM). Ilustramos a seguir a instanciação desses dois subesquemas a seguir:

(1) A Joana foi uma grande anfitriã quando fui visitar Helsínquia o ano passado e recomendo a todos. Eu fui lá e *quero lá voltar*. Força Joana, estamos aqui todos a torcer por ti. Bjinhos com saudades e um até breve para matarmos novamente as saudades. [<http://provaoral.blogspot.com/2008/01/chamada-internacional-grande-moda-do.html>].

(2) Sinceramente *quero lá saber do prémio Nobel*. Alguém se lembra quem venceu à dois anos ou à três anos. Mas de uma coisa podemos estar certos: VAMOS SEMPRE NOS LEMBRAR DO NOSSO QUERIDO JRR TOLKIEN. [<http://www.valinor.com.br/17726/>].

³ Como Rosa (2019), optamos por adotar o termo *conteúdo*, mais abrangente, ao invés de *função* ou *sentido*, também usados na LFCU.

⁴ Em português, por exemplo, a distinção de polaridade positiva/negativa pode ser expressa: na morfologia, como em *feliz/infeliz*; no léxico, como em *alto/baixo*; na sintaxe, como em *saber/não saber*.

⁵ Disponível em www.corpusdoportuguês.org

Em (1), numa sequência expositiva, *quero lá voltar* expressa o efetivo desejo do locutor de regressar a um local determinado, a cidade de Helsínquia. Esse espaço é retomado anaforicamente duas vezes pelo pronome locativo *lá* no segundo período do parágrafo, por intermédio da coordenação aditiva: *Eu fui lá e quero lá voltar*. Como segunda oração coordenada desse período, *quero lá voltar* expressa a vontade do locutor em retornar a Helsínquia, no destaque desse propósito para um interlocutor específico.

Em (2), *quero lá saber do prêmio Nobel* veicula o desejo do locutor em polaridade negativa. Esse fragmento é marcado por tom persuasivo e injuntivo, em que o locutor invoca seu interlocutor com a pergunta retórica *Alguém se lembra quem venceu à dois anos ou à três anos*, por intermédio da qual expressa também sua indignação. A ação sobre o interlocutor é manifestada ainda na grafia em caixa alta do último período. *Quero lá saber*, antecedido da expressão modalizadora *sinceramente*, sinaliza, na verdade, que o locutor não quer, de fato, saber ou se interessar pelo Prêmio Nobel. No lugar do uso da negativa canônica do português (*não quero*), ele recorre a uma expressão mais *pesada*, em termos semântico-sintáticos (*quero lá saber*), capaz de traduzir de modo mais emocional e intensivo a volição negativa, num tipo de estratégia que amplia o que é declarado, em nível de maior intersubjetividade, dado que não só expressa seu ponto de vista, mas também age sobre o interlocutor, num tipo de convite a que partilhe sua opinião também.

Assumimos que, em contextos como (2), as subpartes do esquema [(eu) quero lá V_{inf}] se encontram mais vinculadas e em maior nível de abstração do que em fragmentos como (1), uma vez que veiculam sentido negativo e intersubjetividade estendida. Uma das evidências da maior integração de forma e conteúdo referida é o *status* da subparte *lá* em dados como o ilustrado em (2), nos quais esse elemento perde traços da categoria pronominal adverbial, metaforizando-se e vinculando-se à subparte verbal antecedente como um afixoide⁶, concorrendo para articulação de sentido negativo (*quero lá*).

Essa distinção de polaridade volitiva na instanciação de [(eu) quero lá V_{inf}] nos permite hipotetizar, como Lemos (2022), que tal esquema se distribui em dois subesquemas: [[(eu) quero] [lá V_{inf}]] – polaridade positiva - e [[(eu) quero lá] [V_{inf}]] – polaridade negativa. O tipo de vínculo semântico-sintático da subparte *lá* ao elemento verbal *quero* e o tipo de verbo que

⁶ Conforme Booij (2010), consideramos *afixoide* uma categoria gradiente, situada no intervalo entre termos lexicais, de conteúdo mais pleno, como nomes e verbos, e termos gramaticais, de conteúdo abstrato, como afixos e desinências. Assim, em (2), a subparte periférica *lá* em *quero lá saber* é assumida como afixoide.

preenche o *slot*⁷ V_{inf} são fatores fundamentais para a classificação desses subesquemas e sua instanciamento na língua.

Em termos de produtividade no uso linguístico, hipotetizamos que [[(eu) quero lá] [V_{inf}]], de polaridade negativa, é o subesquema mais instanciado no português contemporâneo. Consideramos ainda que essa maior frequência de instanciamento é motivada por fatores de ordem pragmático-discursiva, como os registros mais informais e menos monitorados, as estratégias de ênfase ou intensificação, bem como por pressões de natureza cognitiva, como metaforização e metonimização, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), e *priming*⁸, de acordo com Diessel (2017), mais especificados na seção sobre fundamentação teórica.

Para dar conta de nossos propósitos, este artigo se divide em cinco seções. Na primeira, nos dedicamos à descrição de nosso objeto, o esquema [(eu) quero lá V_{inf}], no detalhamento de suas subpartes e na abordagem do domínio funcional da volição, conteúdo veiculado por esse esquema. A seguir, trazemos os fundamentos da LFCU que sustentam nossa análise, com foco na abordagem construcional da gramática. A terceira seção é voltada para a apresentação do *corpus* trabalhado, do tratamento dos dados, com ênfase no método misto, conforme proposto por Cunha Lacerda (2016). Na quarta seção, procedemos à análise dos dados, orientada segundo os dois subesquemas em que se distribui nosso objeto maior de pesquisa: [[(eu) quero] [lá V_{inf}]] – polaridade positiva - e [[(eu) quero lá] [V_{inf}]] – polaridade negativa. A quinta seção traz nossas considerações finais e apontamentos de continuidade da investigação. Por fim, listamos as referências bibliográficas citadas no artigo.

O esquema [(eu) quero lá V_{inf}]

O esquema [(eu) quero lá V_{inf}] articula conteúdo volitivo, constituindo-se, assim, num dos variados recursos de que dispõe a gramática do português para essa expressão maior. Em termos da tradição da pesquisa funcionalista, de acordo com Givón (1984) e Hopper (1991), entre outros, consideramos que a volição é um *domínio funcional*, ou seja, uma vasta área semântica, tal como a indeterminação, a negação ou a modalização, por exemplo.

No âmbito dos estudos linguísticos, a volição tem sido tratada na investigação das expressões de desejo, vontade, intencionalidade, propósito, tanto no nível da factualidade quanto no da não-factualidade. Destacamos neste artigo a natureza intersubjetiva da volição,

⁷ Termo referente a subpartes abertas de uma construção, que são preenchidas por constituintes distintos; quanto mais *slots* tem uma construção, mais esquemática esta deve ser.

⁸ Processo pelo qual a ativação de informação na memória é facilitada por meio de uma ativação anterior da mesma informação, ou de informação relacionada.

uma vez que nosso objeto de pesquisa constitui-se num modo de agir sobre o outro, por intermédio de *inferências sugeridas*, nos termos de Traugott e Dasher (2002), pelas quais o locutor *convida* o interlocutor a partilhar com este pontos de vista, crenças, valores e também desejos ou vontades. Nesse sentido, concordamos com Oliveira e Prata (2020, p. 120), para quem “a volição também é descrita como revestida de natureza acional e intersubjetiva, porque sua manifestação também consistiria em um modo de agir sobre o outro.”

Conforme Topor (2011), a volição distribui-se em dois eixos: o da desejabilidade e o da indesejabilidade. Essa distinção semântica do domínio da volição vai ao encontro das propriedades funcionais específicas de cada um dos subesquemas em que se distribui nosso objeto de pesquisa, respectivamente: [[(eu) quero] [lá V_{inf}]] – polaridade positiva - e [[(eu) quero lá] [V_{inf}]] – polaridade negativa. Assim, no fragmento (1), apresentado na Introdução, temos a manifestação da desejabilidade (*quero lá voltar*), de outra parte, em (2), a expressão é da indesejabilidade (*quero lá saber do prêmio Nobel*).

Em termos estruturais, classificamos o esquema [(eu) quero lá V_{inf}] como complexo, uma vez que é formado por quatro subpartes⁹, assim especificadas:

- Primeira subparte: pronome pessoal *eu*, codificado entre parênteses porque pode não estar preenchida, uma vez que, em português, algumas desinências verbais já fazem referência ao sujeito, como no caso da primeira pessoa do singular.
- Segunda subparte: elemento verbal *quero*, nuclear no esquema, responsável pela articulação do conteúdo volitivo.
- Terceira subparte: elemento locativo *lá*, com estatuto distinto, a depender do subesquema instanciado: se pronome locativo anafórico, em [[(eu) quero] [lá V_{inf}]], como (1); se afixoide de sentido negativo, em [[(eu) quero lá] [V_{inf}]], exemplificado em (2).
- Quarta subparte: *slot* V_{inf}, espaço aberto a ser preenchido por verbo no infinitivo, na complementação da segunda subparte *quero*; esse *slot* pode ser instanciado somente pelo infinitivo, como em (1), em *quero lá voltar*, ou ainda pode ter o infinitivo complementado, como em (2), em *quero lá saber do prêmio Nobel*.

⁹ No detalhamento das subpartes, nos atemos somente àquelas que compõem o esquema estudado; entendemos que algumas subpartes podem se alterar em outros arranjos, como a primeira, que pode ser preenchida por outras formas pronominais ou mesmo SN.

Dessas quatro subpartes, destaca-se a segunda, codificada na forma verbal *quero*, em torno da qual se articula o sentido básico volitivo do esquema [(eu) quero lá V_{inf}]. O verbo *querer* é prototipicamente referido como membro exemplar veiculador da volição no português, como podemos depreender pelas seguintes definições:

que.rer [Lat. *quaerere*, “procurar”. 1B] *vtd.* **1.** Ter vontade de; desejar. **2.** Ter intenção de; tencionar. **3.** Desejar possuir. **4.** Ordenar, exigir: *Quero que você vá buscar o que pedi.* **6.** Consentir; permitir. **7.** Necessitar de; querer. **8.** Ambicionar: *Queiram o poder.* **9.** Julgar, acreditar. **10.** Pretender: *Queremos aumento salarial!* (...). (HOLANDA, 2010, p. 631).

que.rer *v.* [mod. 18] *td.* **1** sentir vontade de possuir ou realizar (...); desejar **2** ter a intenção de; tencionar, planejar <*queria sair cedo, mas se atrasou*> **3** fazer tenção de; ensaiar, tentar <*com um ano, já queria correr*> **4** ter forte desejo de; ambicionar, cobiçar <*q. o poder absoluto*> **5** determinar com firmeza; ordenar <*quero silenciar agora!*> **6** estar na eminência ou ter possibilidade de; ameaçar <*o vento quer derrubar tudo*> *t.d.i* **7** (prep.. de) ter (algo) em mente quanto a; pretender, esperar <não sei o que ele quer de nós> *t.i* **8** (prep. a) ter simpatia, amizade ou afeto por, gostar. (HOUAISS, 2010, p. 648).

Em ambas as fontes citadas, as acepções de *querer* se situam no domínio funcional da volição. Algumas dessas acepções, como a de *julgar e acreditar*, em Holanda (2010), e a *ter simpatia, amizade ou afeto*, em Houaiss (2010), afastam-se mais do sentido volitivo prototípico, configurando-se como marginais dentro desse domínio funcional. No caso do conteúdo veiculado por nosso objeto de pesquisa, o esquema [(eu) quero lá V_{inf}], podemos considerar que o conteúdo volitivo é prototípico, distribuído, de acordo com Topor (2011), em desejabilidade e indesejabilidade, conforme, respectivamente, cada um dos subesquemas: [[(eu) quero] [lá V_{inf}]] – polaridade positiva - e [[(eu) quero lá] [V_{inf}]] – polaridade negativa.

Fundamentação teórica - LFCU

Nossa investigação se fundamenta nos pressupostos da LFCU, viés mais recente do Funcionalismo norte-americano que incorpora, em seu aparato teórico, a abordagem construcional da gramática, perspectiva oriunda do Cognitivismo. Nesses termos, nos alinhamos a Traugott e Trousdale (2013), Bybee (2010; 2015) e Hilpert (2014), em seus trabalhos acerca dos usos linguísticos e a consequente convencionalização desses usos na gramática, bem como consideramos contribuições de Goldberg (1995; 2006) e Croft (2001), no que tange ao enfoque construcional.

No Brasil, a linha investigativa da LFCU é assumida em Rosário e Oliveira (2016) e Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), entre outros. Para esses últimos autores, Funcionalismo e Cognitivismo se aproximam em vários pontos, partilhando concepções como:

(...) a rejeição à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a não distinção estrita entre léxico e gramática, a relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação, o entendimento de que os dados para a análise linguística são enunciados que ocorrem no discurso natural. A gramática é vista como representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a língua; portanto, ela pode ser afetada pelo uso linguístico. (FURTADO DA CUNHA; BISPO E SILVA, 2013, p. 14).

Conforme também sintetizam Martelotta e Alonso (2012), a LFCU considera que os usos linguísticos devem ser analisados holisticamente. Segundo os referidos autores, tais usos resultam de três tipos distintos de motivação, que incidem complementarmente em prol da convencionalização gramatical: a) os pragmático-discursivos, relativos às propriedades contextuais que moldam as interações; b) os cognitivos, atinentes, entre outros, aos processos de domínio geral¹⁰, como referidos por Bybee (2010); c) os estruturais, concernentes à própria configuração da gramática.

A motivação estrutural incorporada à pesquisa no contexto da LFCU está fundada na premissa de que a língua é um inventário de construções, ou seja, de unidades de forma e conteúdo pareadas simbolicamente e fixadas via frequência e rotinização, nos termos de Croft (2001). Orientados por tal premissa, podemos classificar nosso objeto de pesquisa, o esquema [(eu) quero lá V_{inf}], como uma construção, na medida em que corresponde a um formato, a uma estrutura sequencial fixa, que veicula conteúdo específico, voltado para a expressão volitiva.

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), construções podem ser classificadas mediante três fatores, todos em perspectiva gradiente. O primeiro deles, a *esquematicidade*, se refere ao grau de generalidade da construção; assim, temos construções muito esquemáticas, cujas subpartes são totalmente formadas por *slots*, como [SVO] ou [SN], por exemplo, bem como outras parcialmente esquemáticas, com uma ou outra subparte aberta, como nosso objeto [(eu) quero lá V_{inf}], e ainda outras totalmente especificadas, nomeadas pelos citados autores de *microconstruções*, como [eu quero lá ir]. O segundo fator é a *produtividade*, que diz respeito à possibilidade de expansão construcional, ou seja, à frequência com que novos pareamentos são criados a partir de um esquema maior (frequência *type*), ou ainda à ocorrência de um mesmo padrão no uso linguístico (frequência *token*), nos termos de Bybee (2007). A *composicionalidade* constitui o terceiro fator construcional e corresponde ao grau de transparência entre forma e conteúdo das subpartes de uma construção, desse modo, podemos

¹⁰ Bybee (2010) destaca cinco desses processos, que não específicos do uso linguístico: categorização, analogia, *chunking* (agrupamento), memória enriquecida e associação transmodal.

dizer que há construções muito composicionais, em que as subpartes concorrem mais efetivamente para o sentido construcional, como em muitas construções do léxico, e outras bem menos composicionais, em que o conteúdo geral da construção não corresponde à soma do conteúdo de cada subparte, o que acontece geralmente com construções da gramática, como nos casos do conector [ou seja] e do marcador discursivo [vá lá], por exemplo.

Ainda segundo Traugott e Trousdale (2013), o inventário de construções de uma língua se organiza em níveis hierárquicos, conforme a especificidade de cada construção. Assim, os autores consideram que construções formadas por subpartes abertas, ou *slots*, por serem mais esquemáticas, ocupam posição mais alta na rede linguística, sendo nomeadas de *esquema*. Os esquemas, por sua vez, distribuem-se em *subesquemas*, como formações mais específicas, dotadas de conteúdo também mais específico que o esquema. Na posição mais baixa da hierarquia, figuram as microconstruções, definidas como *types* individuais totalmente preenchidos em suas subpartes.

Aplicados os fatores construcionais e o tratamento hierárquico propostos por Traugott e Trousdale (2013) a nosso objeto de pesquisa, podemos classificar [(eu) quero lá V_{inf}] como uma construção volitiva parcialmente esquemática, formada por quatro subpartes, sendo a final um *slot*. Esse esquema maior, por sua vez, se desdobra em dois subesquemas, que têm formato e conteúdo mais especificados: [[(eu) quero] [lá V_{inf}]] – polaridade positiva - e [[(eu) quero lá] [V_{inf}]] – polaridade negativa.

No que concerne à composicionalidade, esse fator também tem grau distinto a depender de cada um dos subesquemas. Assim, em [[(eu) quero] [lá V_{inf}]], detectamos maior composicionalidade, uma vez que *quero* tem polaridade positiva, mais plenitude de sentido e é complementado por V_{inf} antecedido por pronome anafórico, que retoma espaço físico (*lá*). De outra parte, em [[(eu) quero lá] [V_{inf}]] constatamos o maior vinculação entre *quero* e *lá*, fazendo com que a volição tenha polaridade negativa, com a perda das propriedades de sentido locativo e de referenciação anafórica de *lá* em prol da criação do *chunk* (BYBEE, 2010) [(eu) *quero lá*]. De acordo com a autora referida, o *chunking*, ou agrupamento, é um processo cognitivo de domínio geral por intermédio do qual há o encadeamento de unidades que são usadas juntas, criando-se uma unidade de nível maior, mais integrada em termos de forma e conteúdo.

Por conta das distinções referidas, constatamos que o subesquema de polaridade positiva [[(eu) quero] [lá V_{inf}]] se aproxima mais a uma oração transitiva prototípica, organizada em torno de um sujeito que tem o desejo ou a intenção de efetivamente fazer algo em algum lugar. Já o subesquema [[(eu) quero lá] [V_{inf}]], por conta da polaridade negativa veiculada, tem

seu conteúdo mais abstratizado e em maior nível de intersubjetividade, uma vez que convoca um interlocutor genérico a partilhar a indesejabilidade expressa, já que o sujeito não tem, de fato, propósito algum de atuar ou saber de algo.

Em termos de produtividade, como destacamos nas seções subseqüentes, constatamos que, dos subesquemas em análise, o de polaridade negativa tem a maior frequência *type* e *token* no *corpus*. Esse resultado, a ser comentado posteriormente, é evidência da expansão do subesquema [[(eu) quero lá] [V_{inf}]] face a [[(eu) quero] [lá V_{inf}]] no português contemporâneo.

Em nossa pesquisa, consideramos dois tipos de neoanálise, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), que são determinantes na distinção dos subesquemas da [(eu) quero lá V_{inf}] e que constituem, de fato, faces da mesma moeda, dado que contemplam, respectivamente, os dois eixos construcionais: o da forma e o do conteúdo. Uma das neoanálises é a *metonimização*, que corresponde a rearranjos ao nível estrutural de um pareamento, assim, a alteração de fronteiras entre subpartes de uma construção implica reinterpretações que conduzem à mudança linguística. Outra neoanálise, correlata à metonimização, é a *metaforização*, referente à derivação de sentidos, no caminho da abstração e da polissemia. Analisadas ambas as reinterpretações a partir dos subesquemas aqui trabalhados, podemos dizer que o de polaridade positiva é menos metafórico e metonímico do que o de polaridade negativa, uma vez que neste ocorre o *chunk* [(eu) quero lá], motivando rearranjo estrutural (metonimização) e articulação de sentido negativo (*metaforização*).

Destacamos ainda o efeito do *priming* (DIESSEL, 2017) como relevante para os contextos em que se instancia o esquema [(eu) quero lá V_{inf}]. Para o autor, *priming* é definido como um processo através do qual a ocorrência de uma informação na memória facilita uma nova ocorrência a ela correspondente ou relacionada. Assim, consideramos que a presença de termos veiculadores de conteúdo volitivo em contextos específicos pode acionar instâncias dos subesquemas em análise, dado que integram o domínio funcional da volição. Em nossos dados de análise, por exemplo, não raro as instanciações do esquema [(eu) quero lá V_{inf}] são antecedidas de orações em torno do verbo *querer*, como se estas, de certa forma, motivassem os padrões de uso por nós pesquisados.

Metodologia

Em consonância com a LFCU, nossa análise é pautada em dados de efetivo uso linguístico, levantados do *Corpus do Português* (CdP), em particular da categoria

Web/Dialetos. Essa subparte do CdP foi adicionada em 2016 e traz uma amostra, com cerca de um bilhão de palavras, de páginas da *web* recolhidas entre os anos de 2013 e 2014. Tal banco de dados é composto por sequências textuais de quatro países de língua portuguesa: Brasil (PB), Portugal (PE), Angola (PA) e Moçambique (PM). Para o levantamento de nossos dados, consideramos essas variedades do português contemporâneo indistintamente.

No procedimento de coleta, em primeiro lugar, aplicamos a palavra-chave *quero lá* na interface *pesquisar*, na categoria *Web/Dialetos* independentemente da variedade dialetal (PB, PE, PA ou PM). Feita a busca, o procedimento resultou em 605 ocorrências. No segundo momento, para compor o *corpus* efetivo de análise, selecionamos desse contingente as primeiras 200 ocorrências, com foco em dados nos quais, posposto a *quero lá*, houvesse verbos na forma infinitiva, como, por exemplo, *quero lá ficar*, *quero lá ir* ou *quero lá saber*; consideramos também a possibilidade de ocorrência de elementos intervenientes nessa formação, como *quero lá bem saber*. No terceiro momento, descartamos alguns dados, que se mostraram fora do escopo da construção estudada, como *quero lá chegando*, *quero lá esse livro* ou *quero lá você*, ou que se repetiam, algo que ocorre por vezes na coleta de dados do CdP. Por fim, selecionamos 179 *tokens* para análise, resultantes dos descartes feitos a partir das 200 primeiras ocorrências selecionadas inicialmente e que integram o *Corpus Lemos* (2022).

Procedemos ao tratamento desses 179 dados em viés quali-quantitativo. De acordo com Cunha Lacerda (2016), esse método, também nomeado como *misto*, consiste em alinhar conceitos da abordagem qualitativa com a quantitativa. A metodologia qualitativa tem caráter analítico e inclina-se a: “a) oferecer uma descrição detalhada do objeto de análise; b) compreender o contexto em que o objeto analisado ocorre; c) considerar como os conceitos surgem a partir dos dados, e não *a priori*” (CUNHA LACERDA, 2016, p. 86). Já o tratamento quantitativo, complementando a tarefa interpretativa, controla e quantifica a frequência de ocorrência de dados, apontando níveis de produtividade maior ou menor e tendências de uso e de mudança linguística.

Qualitativamente, focalizamos os dados em seu contexto de uso efetivo, no apontamento do tipo de polaridade volitiva expresso e do subesquema que o instancia. Observamos estratégias de referenciação bem como metonimização e metaforização envolvidas em tais usos, na detecção de estratégias inferenciais e intersubjetivas que motivam a instanciação dos subesquemas em que se distribui [(eu) quero lá V_{inf}]. Em termos estruturais, levamos em conta o *priming*, nos termos de Diessel (2017), na observação da presença de

ativações anteriores, sob forma de ocorrências lexicais de conteúdo volitivo que possam atuar como força motivadora para as instanciações pesquisadas.

Analisamos também o tipo semântico do elemento que preenche o *slot* V_{inf} em cada subesquema. Esse procedimento visa confirmar o pressuposto de que o tipo de pareamento de forma e conteúdo, na expressão de polaridade positiva ou negativa, tem forte relação também com o sentido da subparte V_{inf} . Para tanto, nos orientamos segundo a proposta a seguir, que sumariza tipos semânticos verbais com base na taxonomia clássica de Scheibman (2000):

Quadro 1: Tipo semântico do verbo

Tipo de verbo	Descrição	Exemplo
Cognição	Atividade cognitiva	Saber, pensar, decorar
Corporal	Gestos e interações corporais	Comer, beber, dormir, fumar
Existencial	Existência, acontecimento	Ser, estar, ter, acompanhar
Sentimento	Emoção, desejo	Querer, desejar, sentir, necessitar
Material	Feitos e acontecimentos, concretos, abstratos	Fazer, ir, ensinar, trabalhar, usar, brincar
Percepção	Percepção, atenção	Olhar, ver, ouvir, encontrar
Possessivo/relacional	Posse (<i>x</i> tem / possui <i>y</i>)	Ter, possuir
Relacional	Posse de ser (<i>x</i> é <i>y</i>)	Ser, ser como, tornar-se
Verbal	<i>Dicendi</i>	Dizer, falar, perguntar

Fonte: Tavares e Freitag (2010, p. 106)

Como podemos observar, o Quadro 1 aponta nove tipos verbais, que servem de parâmetro para que possamos classificar semanticamente o elemento a preencher o *slot* V_{inf} nos dados em análise.

Análise de dados

Em termos quantitativos, os 179 dados gerais nos permitem apontar tendências da instanciação de [(eu) quero lá V_{inf}] no português contemporâneo, na consideração da produtividade construcional desse esquema, com base na frequência *type* e *token* de tais usos. Assim, esta seção está dividida em três subseções, a partir dos dois subgrupos em que se distribuiu o esquema volitivo [(eu) quero lá V_{inf}], em análise quali-quantitativa. Na primeira seção, nos dedicamos ao tratamento do subesquema de polaridade positiva [[(eu) quero] [lá V_{inf}]]; na segunda, voltamo-nos para o subesquema de polaridade negativa [[(eu) quero lá]

[V_{inf}]]; na terceira seção, apresentamos sinteticamente os resultados gerais obtidos e comparamos os dois subesquemas.

(1) Subesquema [[(eu) quero] [lá V_{inf}]]

Dos dois subgrupos de construções em análise, este, de polaridade positiva, é o menos produtivo, uma vez que é constituído por somente 11 dados, dos 179 gerais, ou seja, não chegando a 10% do total levantado. Os 11 dados se distribuem entre oito ocorrências no PE e três no PB, sem registro nas demais variedades do português, conforme nossa seleção preliminar de dados a partir do CdP. Esse número maior de dados no PE nos permite formular a hipótese, a ser testada com base em análise empírica mais robusta, de que a variedade europeia do português tende a instanciar mais esse subesquema do que as demais.

Nos 11 fragmentos instanciadores do subesquema [[(eu) quero] [lá V_{inf}]], temos a ocorrência de uma oração transitiva¹¹, integrante do domínio funcional da volição em polaridade positiva, como em:

(3) Lá existe uma cidade santa de ruas de ouro, de muro de Ouro, de muro de jasmim, um perfeito tesouro. A CIDADE DE DEUS. E as esquinas e praças parecem cristal reluzente e a cidade inteira É resplandecente. Eu quero entrar lá, *Eu quero lá morar. Pelas ruas eu passearei, em um coral de anjos eu estarei a cantar. E quando lá chegar, eu quero abraçar com você que está lutando aqui, Se preparando também pra subir a este lindo lugar.* [<http://compartilhar-mensagem.blogspot.com/2009/03/cidade-de-deus.html>].

(4) Pergunto aos meus companheiros de mesa como é que se vai para Graceland. *Amanhã, antes de voltar para Boston, quero lá ir.* [<http://www.etudogentemorta.com/author/vgrilo/page/2/>].

(5) Passo para as mãos da minha querida esposa o dito mapa. Ela por sua vez dá umas quantas olhadelas e eu, ao ver que ela o tem ao contrário (não sei porque insisto), retiro gentilmente o mapa das suas mãos com o pretexto de que *quero lá ver qualquer coisa.* [<http://autocaravanasmododevida.blogspot.com/2009/01/parques-de-campismo-sim-os-parques-de.html>]

A maior composicionalidade do subesquema [[(eu) quero] [lá V_{inf}]] pode ser constatada em termos contextuais por sua instanciação em (3), (4) e (5). Nos três fragmentos, o locutor comenta acerca de um espaço específico: em (3), temos a descrição inicial da *Cidade de Deus*,

¹¹ De acordo com Hopper e Thompson (1980), a transitividade é uma noção contínua e escalar, envolvendo propriedades do verbo e de seus argumentos. Assim, assumimos que instanciações do subesquema [[(eu) quero] [lá V_{inf}]] se configuram como orações transitivas de grau médio, dado que tanto a agentividade do sujeito quanto a afetação do objeto não são registradas.

marcada por tom onírico e encantador; em (4), o locutor tem intenção de ir para a cidade de Graceland e expressa claramente esse desejo; em (5), é destacado um mapa, como um referente espacial que é entregue pelo locutor à esposa. Esses locais são retomados anaforicamente pela subparte *lá*, que forma com V_{inf} o objeto de uma vontade efetiva, na formação do *chunk* [*lá* V_{inf}]. Tanto a subparte nuclear *quero* quanto seu complemento [*lá* V_{inf}] veiculam sentido mais concreto e objetivo, o que confere a essas instâncias de uso a marca da intersubjetividade imediata, nos termos de Tantucci (2018), uma vez que o conteúdo volitivo positivo é direcionado a um interlocutor individualizado, convidado a partilhar o desejo do locutor. Para o referido autor, toda interação é um evento intersubjetivo de atenção conjunta, uma vez que pressupõe, ao menos, um locutor e um interlocutor; portanto, o que existem são graus de intersubjetividade, que vão desde a mais imediata, atinente a contextos específicos em que atuam os usuários, até a estendida, na qual a referência se expande para a coletividade e a genericidade social.

Observamos que o tipo semântico de V_{inf} também concorre para que o subesquema [[(eu) quero] [*lá* V_{inf}]] seja assumido como mais composicional, conforme ilustramos na tabela a seguir:

Tabela 1: Tipo semântico de V_{inf} no subesquema [[(eu) quero] [*lá* V_{inf}]]

Tipo de verbo	Descrição	Verbo	Nº. de dados
Material	Existência, acontecimento	Voltar	6
		Morar	1
		Ir	2
Existencial	Feitos e acontecimentos, concretos, abstratos	Estar	1
Percepção	Percepção, atenção	Ver	1

Fonte: Lemos (2022, p. 66)

A Tabela 1 aponta que, das 11 instanciações do subesquema [[(eu) quero] [*lá* V_{inf}]] de nosso *corpus*, nove preenchem o *slot* V_{inf} com verbos de tipo material, sendo *voltar* o mais frequente, seguido de *ir*, com duas ocorrências, e *morar*, com uma ocorrência. Ainda são registrados dois dados com verbos de distinto tipo semântico: um com *estar* (existencial) e um com *ver* (percepção). Tal resultado evidencia que V_{inf} se coaduna com o sentido locativo e a referenciação anafórica da subparte *lá*, formando com este o todo semântico-sintático [*lá* V_{inf}], que funciona como o escopo da volição, esta veiculada por [(eu) quero].

Esse resultado confirma o pressuposto de que o subesquema de polaridade positiva é mais composicional, com subpartes menos vinculadas, em arranjos menos abstratos. Em [[(eu) quero] [lá V_{inf}]], a subparte *lá* se coloca entre *quero* e seu complemento, este codificado como V_{inf}. Tal inserção diminui o vínculo da forma verbal com seu objeto, ao mesmo tempo em que reforça o pareamento [lá V_{inf}].

(2) Subesquema [[(eu) quero lá] [V_{inf}]]

A grande maioria dos 179 dados de nosso *corpus* corresponde a instâncias desse subesquema, perfazendo 168 ocorrências, com registro nas quatro variedades do português pesquisadas. Nesse grupo de dados, também se constata a maior ocorrência no PE, num total de 144 fragmentos, seguido do PB, com 20 dados, e ainda esporádicos usos no PA (3 fragmentos) e no PM (1 fragmento). Tal frequência é indício da maior produtividade *type* e *token* desse subesquema e ratifica ainda a maior produtividade do esquema volitivo [(eu) quero lá V_{inf}] na variedade europeia do português. Esse último resultado também necessita de investigação a partir de maior número de dados a fim de que seja, de fato, confirmado e interpretado.

As instâncias de [[(eu) quero lá] [V_{inf}]] são motivadas por contextos mais injuntivos, marcados por maior intersubjetividade. Nesses contextos, verificam-se com frequência frases exclamativas, interrogativas, expressões de indignação, de exortação, enfim, usos que atuam sobre o interlocutor no sentido de o convencerem a partilhar pontos de vista, crenças e atitudes. Trata-se de fragmentos como os seguintes:

(6) Já ouvi umas duas vezes o comentário: "«Aff... Mas vai ser uma chatice com esse filho de vocês hem"». Sabe a minha resposta: "«fala com a minha mãe"». Tô nem aí! Outra coisa importante: já conversei com marido. Decidiremos nós sobre a criação do nosso filho. Se alguém nos afrontar, e for da minha família, converso (ou discuto) eu. Se for da família dele, ele que se vire (*eu quero lá brigar com sogra? hahaha*). [<http://minhamaequedisse.com/2013/04/a-linha-entre-o-pitaco-e-o-abuso/>].

(7) *Quero lá ir para o `heaven'!!!* Não me conhece, mas se conhecesse saberia que aquilo em dois dias tirava-me do sério, punha o céu todo de pantanas. Era despedida do céu, coisa inédita provavelmente... ahaha. Que raio de coisa para se dizer, ali no final. [<http://amanhecertardamente.blogspot.com/2013/08/pronto-eu-sei-que-nao-e-bonito-fazer.html>].

(8) Eu tive sorte de, no nordeste do Brasil, ter sido criado por um casal muito visionário. O fato do papai chegar ao socialismo pelo lado da cristandade, por ter sido seminarista e deixar quando se apaixonou por minha mãe, conheceu aquela galega e pensou: '*Eu quero lá ficar no celibato? Eu quero é comer essa linda, maravilhosa*'. No fundo foi isso e que despertou nele outro tipo de

coisa. [http://www.sul21.com.br/jornal/todas-as-noticias/a-internet-e-a-possibilidade-de-o-autor-entrar-nessa-historia-diz-lenine-sobre-direitos-autorais/].

(9) E diz que traz oitenta (sim oitenta) medidas debaixo do braço. Pois eu não estou nada preocupada, quero que vão todos dar uma volta ao bilhar grande, e espero, mais uma vez que o TC esteja pronto, como tem feito a defender a Constituição. Estamos num país insano, governado por gente insana, e estamos todos insanos! Ou estarei errada! Só vos digo, vêm aí??? *Quero lá saber!* [http://www.eparaqueconste.pt/]

Em (6), (7), (8) e (9), temos sequências textuais em que prevalece o tom persuasivo do locutor, nas quais, por intermédio de interrogações, exclamações e interjeições, entre outros recursos linguísticos, como demonstram Traugott e Dasher (2002), é feito um *convite ao partilhamento da indesejabilidade veiculada*. Consideramos, com base em Tantucci (2018), que se trata de um nível de intersubjetividade estendida, na medida em que esse direcionamento do conteúdo volitivo negativo é mais amplo, na consideração de uma terceira pessoa mais genérica, que funciona conceptualmente como portador social de tal conteúdo. Assumimos, nesses casos, que o locutor não se dirige somente a seu interlocutor, mas faz uma declaração amplificada, que aponta, para quem quer que seja, seu ponto de vista acerca da negação [(eu) quero lá] de algo tomado genericamente [V_{inf}], como em: *eu quero lá brigar com sogra?*, *Quero lá ir para o `heaven'!!!*, *Eu quero lá ficar no celibato?* ou ainda *Quero lá saber!*.

Assim, no fragmento (6), temos a indignação de uma mãe com a intervenção de familiares na educação dos filhos, que é enfatizada pela pergunta retórica¹² *eu quero lá brigar com sogra?*. No dado (7), o locutor destaca, com ênfase e emoção, seu propósito de não ir ao *heaven*. Em (8), em tom jocoso, numa outra pergunta retórica veiculada pela instanciação do subesquema [(eu) quero lá] [V_{inf}], o locutor destaca a oportuna opção de seu pai em deixar o celibato e se casar: *'Eu quero lá ficar no celibato?*. Já em (9) *Quero lá saber!* finaliza o depoimento indignado da locutora, que se revolta diante do que considera a insanidade geral de Portugal e de seus governantes.

Nesse subesquema, [(eu) quero lá] forma um *chunk* (cf. BYBEE, 2010), em que detectamos mudança semântico-sintática das subpartes, conferindo menor composicionalidade ao subesquema como um todo. Em termos semânticos, constatamos metaforização, com abstratização tanto do elemento verbal *quero* quanto do locativo *lá*, uma vez que ambos passam a atuar como um todo veiculador de polaridade negativa. Esse conteúdo abstratizado é

¹² Trata-se de uma indagação que não tem como objetivo obter uma resposta, mas sim estimular a reflexão do indivíduo sobre determinado assunto.

acompanhado, metonimicamente, por realinhamento sintático, de modo que *lá*, como afixoide (cf. BOOIJ, 2010), se vincula a *quero*, na expressão do conteúdo volitivo negativo. Como destaca Oliveira (2018), o traço de *granulidade vasta*¹³ do elemento *lá*, atinente ao sentido vago e impreciso que veicula, concorre de modo decisivo para a deflagração da indesejabilidade expressa por esse subesquema como um todo.

A menor composicionalidade e a maior abstratização do subesquema [[(eu) quero lá] [V_{inf}]] é atestada também quando classificamos o tipo semântico que preenche o *slot* V_{inf} nos 168 dados levantados em nosso *corpus*. A seguir apresentamos a produtividade referida:

Tabela 2: Tipo semântico de V_{inf} no subesquema [[(eu) quero lá] [V_{inf}]]

Tipo de verbo	Descrição	Verbo	Nº. de dados
Cognitivo	Atividade cognitiva	Saber	165
Material	Feitos e acontecimentos, concretos, abstratos	Brigar	1
		Ir	1
Existencial	Existência, acontecimento	Ficar	1

Fonte: Lemos (2022, p. 70)

Constatamos, pela Tabela 2, que, à exceção de três dados, em que se instanciam dois verbos materiais – *brigar*, em (6), e *ir*, em (7), e um existencial – *ficar*, em (8), os demais 165 fragmentos levantados do subesquema volitivo negativo são preenchidos pelo verbo cognitivo *saber*, como ilustrado no fragmento (9). Desses 165 dados, observamos que em 117 ocorre a complementização de *saber* realizada por SN em 50 dados e por SV em 67 dados. Nos demais 48 dados, temos a instanciação do *type* específico [[(eu) quero lá] saber], na formação de uma sequência rotinizada e convencionalizada na comunidade linguística para a expressão da indesejabilidade.

Outro resultado a que chegamos na análise dos contextos de instanciação do subesquema [[(eu) quero lá] [V_{inf}]] é ativação do efeito de *priming* (cf. DIESSEL, 2017). Atribuímos às estratégias de ênfase e ao tom persuasivo desses contextos a motivação para que tal efeito seja ativado, como em:

(10) Ah, Apóstolo! Mas, eu já vi... Eu, também, já vi, mas eu não quero saber do que eu vi de errado. Eu quero saber das coisas boas. *Eu quero lá saber que eu vi*, que disseram, eu quero

¹³ Conforme Batoréo (2000, p. 439), a *granulidade* é um termo da inteligência artificial que define as diferenças nas regiões-de-vizinhança de conjuntos, com base em dois subsistemas: *granulidade vasta* (binômio *lá/cá*) e *granulidade fina* ou estreita, correspondente a um ponto específico (tríade *aqui/aí/ali*).

saber é das pessoas que entraram, aqui, quebradas. Aqui, se erguem, aqui, se casam, se restauram, se reestruturam. [<http://igrejacristovive.com.br/mensagens/tu-tens-que-estar-ligado-ao-corpo-de-cristo/>].

(11) Estou, incondicionalmente, do lado dos árabes. *Quero lá saber se se trata duma religião ou dum clube de futebol. Quero lá saber se é uma religião séria ou falsa, Quero lá saber se...* Não reconheço a ninguém, absolutamente a ninguém, qualquer tipo de autorização para usar os meios de comunicação social para ofender ninguém, de forma deliberada, rancorosa, vil e ditada pela falta de educação/formação/civilidade, apenas por escárnio e desprezo. [<http://www.diariodeunsateus.net/2012/09/19/a-liberdade-e-um-bem-maior-do-que-a-fe/>].

Em (10), o depoimento emocionado de um evangélico da *Igreja Cristo Vive* é marcado por expressões volitivas que veiculam seu desejo (*Eu quero saber das coisas boas*) e não desejo (*Eu quero lá saber que eu vi, que disseram*); assim, o locutor cumpre seu propósito comunicativo por intermédio de acionamentos constantes e alternativos da volição, num jogo entre a desejabilidade e a indesejabilidade, tornando o depoimento mais persuasivo. No trecho (11), o efeito de *priming* ocorre pela retomada enfática de instâncias de [(eu) quero lá] [V_{inf}], nas quais o locutor expressa sua indignação e intolerância em relação ao preconceito contra os árabes; para tanto, instância três vezes sequencialmente esse subesquema (*Quero lá saber se se trata duma religião ou dum clube de futebol. Quero lá saber se é uma religião séria ou falsa, Quero lá saber se...*), destacando, assim, seu ponto de vista de modo emocional.

Em esporádicos dados, entre os 179 coletados, o tom enfático e persuasivo se evidencia também pela inserção do elemento intensificador *bem* no subesquema [(eu) quero lá] [V_{inf}], como a seguir:

(12) Tou farto de criticar (e vou fazer-lo até me fartar) aqueles que votam sem saber ou só "porque sim", que não questionam, que não interpelam, esses sim, crítico e criticarei sempre... *E quero lá bem saber que depositem religiosa e cegamente a sua mensalidade. Alimentar burros a pão de Ló?! Isso sim é de gente burra...* [<http://ocacifodopaulinho.wordpress.com/2013/03/19/ja-que-e-dia-de-sondagens/>].

(13) Tens mesmo a certeza que este sportinguismo mantém VIVO o Sporting? É que eu tenho a certeza... que não. Pelo menos para mim... e se para mim, o Sporting morrer, *quero lá bem saber que fica!* O meu amor é ao Sporting e a um ideal... não a um conjunto de pessoas que por acaso pensam (em parte, está visto) como eu... [<http://ocacifodopaulinho.wordpress.com/2013/03/19/ja-que-e-dia-de-sondagens/>]

Em (12) e (13), o locutor expressa toda a sua emotividade e indignação. Em (12), critica enfaticamente a falta de consciência de muitos eleitores, que não avaliam em quem votam; em (13), veicula seu amor e paixão ao time do *Sporting*, independentemente de seus dirigentes e

jogadores. Em ambos os fragmentos, a instanciação do subesquema volitivo de polaridade negativa concorre para a expressão do forte tom emocional, com a inserção de *bem* entre as duas subpartes que formam esse subesquema: [(eu) quero lá] e [V_{inf}]. Interpretamos tal possibilidade como evidência de que [[(eu) quero lá] [V_{inf}]], ainda que menos composicional em relação a [[(eu) quero] [lá V_{inf}]], preserva traços de suas subpartes em maior integridade, o que permite a inserção aqui referida.

(3) Resultados gerais

Sintetizamos, nesta seção, os resultados obtidos com nossa análise do esquema [(eu) quero lá V_{inf}]. Apresentamos a seguir a frequência geral das instanciações desse esquema por tipo de polaridade volitiva e variedade do português contemporâneo:

Tabela 3: Produtividade de [(eu) quero lá V_{inf}] por subesquema e variedade do português

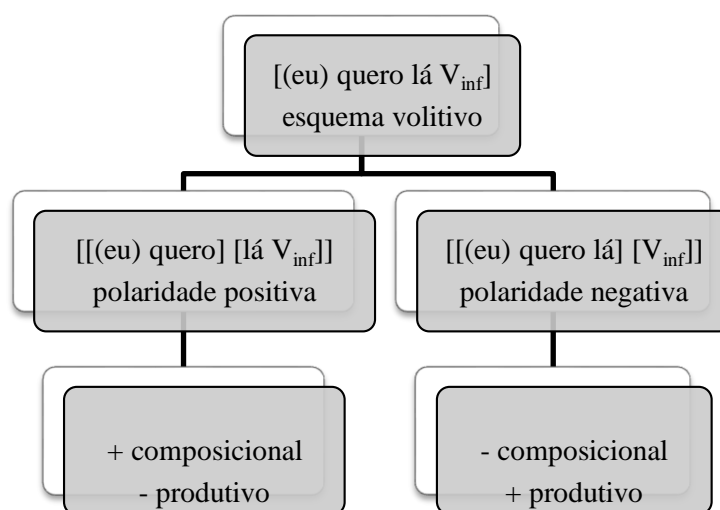
Português Contemporâneo	Ocorrências	[[(eu) quero] [lá V _{inf}]]	[[(eu) quero lá] [V _{inf}]]
PE	152	8	144
PB	23	3	20
PA	3	0	3
PM	1	0	1

Fonte: Lemos (2022, p. 58)

Como podemos observar pela Tabela 3, o PE mostra-se a variedade com maior produtividade de instanciação do esquema [(eu) quero lá V_{inf}], com 152 dados, entre os 179 gerais coletados. A seguir, temos o PB, com 23 dados, e, com baixíssima frequência, o PA (3 dados) e o PM (1 dado somente). Outro aspecto saliente da Tabela 3 é a maior produtividade do subesquema de polaridade negativa [[(eu) quero lá] [V_{inf}]], instanciado em 168 contextos, dos 179 gerais.

Conforme os pressupostos teóricos da LFCU, partimos da análise qualitativa dos 179 dados gerais coletados em nosso *corpus* para propor a hierarquia do esquema [(eu) quero lá V_{inf}] e apontar propriedades de cada um de seus dois subesquemas, como a seguir:

Figura 1: Hierarquia e propriedades do esquema volitivo [(eu) quero lá V_{inf}]



Fonte: Adaptado de Lemos (2022, p. 75)

Nossa análise confirma que o esquema volitivo codificado como [(eu) quero lá V_{inf}], a depender do nível de vinculação semântico-sintática das subpartes envolvidas, se distribui em dois subesquemas. Esses subgrupos expressam a volição a partir de dois eixos de polaridade: positivo e negativo. Observamos ainda distinções no tipo de conteúdo veiculado, no nível de composicionalidade e de produtividade entre tais pareamentos.

Assim, na Figura 1, o subesquema à esquerda corresponde a uma oração transitiva em torno da subparte *quero* como verbo pleno; nesse pareamento, o locativo *lá* atua como adjunto adverbial anafórico de V_{inf}, subparte que funciona como objeto direto de *quero*. Trata-se de um subesquema mais composicional e menos produtivo em relação ao subesquema à direita, uma vez que este se configura como menos composicional e tem maior frequência de ocorrência nos dados em análise.

Considerações finais

Neste artigo, levantamos, classificamos e analisamos padrões de uso volitivo instanciados pelo esquema [(eu) quero lá V_{inf}] em variedades distintas do português contemporâneo. Com base na LFCU, investigamos as propriedades de tais usos a partir de dois subesquemas em que se distribui nosso objeto de pesquisa, que registram composicionalidade e produtividade distintas.

Constatamos que metaforização e metonimização, bem como pressões de natureza inferencial, concorrem para a configuração dos dois subesquemas do esquema volitivo [(eu) quero lá V_{inf}], na manifestação da desejabilidade e da indesejabilidade do locutor. Em relação a [[(eu) quero] [lá V_{inf}]], identificamos que a polaridade positiva atua no nível da intersubjetividade imediata, voltada para a ação do locutor diretamente sobre seu interlocutor, com vistas à expressão de um desejo efetivo. Já no caso do subesquema [[(eu) quero lá] [V_{inf}]], a polaridade negativa é veiculada em termos da intersubjetividade estendida, uma vez que a declaração do locutor se apresenta como informe mais genérico, dirigido a pessoas indistintas, dado que constitui expressão de opinião emotiva, de exposição enfática de ponto de vista no âmbito da indesejabilidade.

Consideramos, por fim, que os resultados até agora obtidos com nossa investigação apontam caminhos para novas incursões nessa área de pesquisa. Um deles é a ampliação do número de dados em análise, permitindo maior controle de produtividade, outro é o estudo histórico, na captação de micropassos da mudança linguística que derivaram no esquema volitivo [(eu) quero lá V_{inf}] e seus subesquemas. Enfim, abre-se, a partir de nossa investigação, nova agenda de pesquisa do português em viés construcional, no contexto da LFCU.

Referências

- BATORÉO, Hanna. *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- BOOIJ, Geert. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BYBEE, Joan. *Frequency of use and the organization of language*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, Joan. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- CROFT, William. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Linguística*. Volume especial, p. 83-101, dez. 2016.
- DIESSEL, Holger. Usage-based linguistics. In: ARONOFF, Mark. (Eds.). *Oxford Research Encyclopedia of Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2017, p. 1-26.
- DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1973.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Evaldo; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. (Orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2013, p. 13-40.

GIVÓN, Talmy. *Syntax*. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1984.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HILPERT, Martin. *Construction grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HOLANDA, Aurélio Buarque. *Novo Dicionário Aurélio*. Curitiba: Editora Positivo, 2010.

HOPPER, Paul. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd. (Eds.). *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, p.17 – 36, 1991.

HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, 56 (2), p. 251-299, 1980.

HOUAISS, Antônio. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. 4. ed. rev. e aumentada, - Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

LEMOS, Bruna Ribeiro. *Instanciação de [(eu) quero lá V_{inf}]: uma análise funcional no português contemporâneo*. 129 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói: RJ, 2022.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; ALONSO, Karen Sampaio Braga. Funcionalismo, Cognitivismo e a dinamicidade da língua. In: SOUZA, Edson Rosa (Org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, p. 87-106, 2012.

OLIVEIRA, Mariangela Rios. O afixoide “lá” em construções do português: perspectivização espacial e (inter)subjetivização. *Linguística*, v. 14, no. 1, p. 109-129, 2018.

OLIVEIRA, André Silva; PRATA, Nadja Pessoa. Os aspectos semântico-funcionais da volição. In: *Revista do GELNE*, v. 22, no. 2, p. 118-130, 2020.

ROSA, Flávia Saboya. *A mesoconstrução marcadora discursiva refreador-argumentativa: uma análise cognitivo-funcional*. 216 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói: RJ, 2019.

ROSÁRIO, Ivo da Costa; OLIVEIRA, Mariangela Riso. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, v. 2, n. 60, p. 233-259, 2016.

SCHEIBMAN, Joanne. Local patterns of subjectivity. In: BYBEE, Joan; HOPPER, Paul (Eds.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 61-90, 2000.

TANTUCCI, Vittorio. From co-actionality to extended intersubjectivity: drawing on language change and ontogenetic development. *Applied Linguistics*. Nova Iorque: Oxford University Press, p. 1-31, 2018.

TAVARES, Maria Alice; FREITAG, Raquel Meister Ko. Do concreto ao abstrato: influência do traço semântico-pragmático do verbo na gramaticalização em domínios funcionais complexos. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 103-119, 2010.

TOPOR, Mihaela. *Perífrasis verbales del español y rumano – un estudio contrastivo*. 722f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade de Lleida, Leida, 2011.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, Richard. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.